

SANTAELLA, Lúcia. Abrir as Janelas: Olhar para o Mundo. In: \_\_\_\_\_. O que é semiótica. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 32-61.

32	[...] a fenomenologia seria, segundo Peirce, a descrição e análise das experiências que estão em aberto para todo homem, cada dia e hora, em cada canto e esquina de nosso cotidiano.
33	Suportada por esse modo de partir em estado de liberdade, a fenomenologia tem por tarefa, contudo, dar à luz as categorias mais gerais, simples, elementares e universais de todo e qualquer fenômeno, isto é, levantar os elementos ou características que pertencem a todos os fenômenos e participem de todas as experiências.
34	Elementares porque são constituintes de toda e qualquer experiência, universais porque são necessárias a todo e qualquer entendimento que possamos ter das coisas, reais ou fictícias.
34-35	[...] Peirce conclui que tudo que aparece à consciência, assim o faz numa gradação de três propriedades que correspondem aos três elementos formais de toda e qualquer experiência. // Em 1867, essas categorias foram denominadas: 1) Qualidade, 2) Relação e 3) Representação. Peirce preferiu fixar-se na terminologia de Primeiridade, Secundidade e Terceiridade, por serem palavras inteiramente novas, livres de falsas associações a quaisquer termos já existentes. Categorias do Pensamento e da Natureza.
39	Para se ter uma idéia da amplitude e abertura máxima dessas categorias, basta lembrarmos que, em nível mais geral, a 1 <sup>o</sup> corresponde ao acaso, originalidade irresponsável e livre, variação espontânea; a 2 <sup>o</sup> corresponde à ação e reação dos fatos concretos, existentes e reais, enquanto a 3 <sup>o</sup> categoria diz respeito à mediação ou processo, crescimento contínuo e devir sempre possível pela aquisição de novos hábitos. O 3 <sup>o</sup> pressupõe o 2 <sup>o</sup> e 1 <sup>o</sup> ; o 2 <sup>o</sup> pressupõe o 1 <sup>o</sup> ; o 1 <sup>o</sup> é livre. Qualquer relação superior a três é uma complexidade de tríades.
40	São, portanto, categorias lógicas que aqui aplicaremos ao campo das manifestações psicológicas não só porque, como tal, as categorias se nos apresentam como coisas vivas e vividas, mas também porque, a partir disso, tornar-se-á claro por que, para nós, o mundo aparece e se traduz como linguagem, fundamento de toda a Semiótica. Qualidade de Sentimento... Conflito... Interpretação
40-41	Consciência não se confunde com razão. Consciência é como um lago sem fundo no qual as idéias (partículas materiais da consciência) estão localizadas em diferentes profundidades e em permanente mobilidade. A razão (pensamento deliberado) é apenas a camada mais superficial da consciência.
	<b>PRIMEIRIDADE</b>
43	Trata-se, pois, de uma consciência imediata tal qual é. Nenhuma outra coisa senão pura qualidade de ser e de sentir. A qualidade da consciência imediata é um impressão (sentimento) <i>in totum</i> , indivisível, não analisável, inocente e frágil.
45	Nessa medida, o primeiro (primeiridade) é presente e imediato, de modo a não ser segundo para uma representação. Ele é fresco e novo, porque, se velho, já é um segundo em relação ao estado anterior. Ele é iniciante, original, espontâneo e livre, porque senão seria um segundo em relação a uma causa. Ele precede toda síntese e toda diferenciação; ele não tem

	nenhuma unidade nem partes. Ele não pode ser articuladamente pensado; afirme-o e ele já perdeu toda sua inocência de uma outra coisa. Pare para pensar nele e ele já voou.
46	Note-se, contudo, que Peirce tem aí a precaução de não confundir a qualidade de sentimento de uma cor vermelha, por exemplo, de um som ou de um cheiro, com os próprios objetos percebidos como vermelhos, sonantes ou cheirosos. Consciência em primeiridade é <i>qualidade de sentimento</i> e, por isso mesmo, é primeira, ou seja, a primeira apreensão das coisas, que para nós aparecem, já é tradução, finíssima película de mediação entre nós e os fenômenos.
47	Esse estado-quase, aquilo que é ainda possibilidade de ser, deslancha irremediavelmente para o que já é, e no seu ir sendo, já foi. Entramos no universo do segundo.
	SECUNDIDADE
47	Esta é a categoria que a aspereza e o revirar da vida tornam mais familiarmente proeminente.
47-48	[...] qualquer sensação já é secundidade: ação de um sentimento sobre nós e nossa reação específica, comoção do eu para com o estímulo.
48	Sentimento ou impressão indivisível e sem partes, qualidade simples e positiva, mero tom de consciência é primeiro. Não se confunde com sensação, pois esta tem duas partes: 1) o sentimento e 2) a força da inerência desse sentimento num sujeito. Qualquer relação de dependência entre dois termos é uma relação diádica, isto é, secundidade.
50	Falar em pensamento, no entanto, é falar em processo, mediação interpretativa entre nós e os fenômenos. É sair, portanto, do segundo como aquilo que nos impulsiona para o universo do terceiro.
	TERCEIRIDADE
50	Três elementos constituem todas as experiências. Eles são as categorias universais do pensamento e da natureza. Primeiridade é a categoria que dá à experiência sua qualidade distintiva, seu frescor, originalidade irrepetível e liberdade. Não a liberdade em relação a uma determinação física, pois que isso seria uma proposição metafísica, mas liberdade em relação a qualquer elemento segundo.
51	Secundidade é aquilo que dá à experiência seu caráter factual, de luta e confronto. Ação e reação ainda em nível de binariedade pura, sem o governo da camada mediadora da intencionalidade, razão ou lei. Terceiridade, que aproxima um primeiro e um segundo numa síntese intelectual, corresponde à camada de inteligibilidade, ou pensamento em signos, através da qual representamos e interpretamos o mundo.
51	A consciência produz um signo, ou seja um pensamento como mediação irrecusável entre nós e os fenômenos.
52	Para conhecer e se conhecer o homem se faz signo e só interpreta esses signos traduzindo-os em outros signos.
53	Nesta medida, para nós tudo é signo, qualquer coisa que se produz na consciência tem um caráter de signo. Mas, Peirce diz que a noção de signo não necessariamente tenha de ser uma representação mental.
58	Um signo intenta representar, um objeto, que é portanto, num certo sentido, a causa de terminante do signo. Um signo é uma coisa que representa uma outra coisa: seu objeto.

61	[...] o signo não é uma coisa monolítica, mas um complexo de relações, que retenhamos em nossa rotina mental.
	<p>CONCLUI-SE QUE:</p> <p>Em “Abrir as janelas: olhar para o mundo” Santaella apresenta aspectos sobre a fenomenologia segundo Peirce, na qual ele demonstra as faculdades que devem ser desenvolvidas para as análises. Sobre as categorias que Peirce estabeleceu (a maneira como foram inicialmente concebidas e a evolução de cada uma). Em seguida, há uma apresentação das denominações iniciais das categorias (1-Qualidade, 2-Relação e 3-Representação) e as posteriores: Primeiridade, Secundidade e Terceiridade. Aborda ainda sobre a aplicação dessas categorias do pensamento à natureza.</p>

## RESENHA

Maria Lucia Santaella Braga é uma das principais divulgadoras da semiótica e do pensamento de Charles Peirce no Brasil, contando com mais de quarenta livros publicados. Professora titular da PUC-SP com doutoramento em Teoria Literária na PUC-SP (1973), E livre-docência em Ciências da Comunicação na ECA/USP, (1993). É fundadora do "CSGames TIDD", Grupo de Pesquisa em Computação, Semiótica e Games do programa de pós-graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital PUC-SP.

No que concerne ao texto, Lúcia Santaella cita o conceito de Semiótica tomando-a como a ciência dos signos. Em seguida, a autora explica sobre a teoria de Peirce que semiótica é a ciência geral de todas as linguagens. Sendo, então, na evolução humana a ciência mais recente, que surgiu para estudar os signos do mundo, das palavras, em qualquer parte. Surgindo para entender como funcionam os signos e que relações se estabelecem.

Em “Abrir as janelas: olhar para o mundo” Santaella apresenta aspectos sobre a fenomenologia segundo Peirce, na qual ele demonstra as faculdades que devem ser desenvolvidas para as análises. Aborda sobre as categorias que Peirce estabeleceu (a maneira como foram inicialmente concebidas e a evolução de cada uma). Em seguida, há uma apresentação das denominações iniciais das categorias (1-Qualidade, 2-Relação e 3-Representação) e as posteriores: Primeiridade, Secundidade e Terceiridade.

A “Primeiridade” para ela é a categoria que dá a experiência, sua qualidade distintiva, seu frescor, originalidade irrepetível e liberdade. Não a liberdade em relação a uma determinação física, pois que isso seria uma proposição metafísica, mas liberdade em relação a qualquer elemento segundo, ou seja, é o momento de percepção.

A “Secundidade” que ela ressalta é aquilo que dá à experiência seu caráter factual, de luta e confronto. Ação e reação ainda em nível de binariedade pura, sem o governo da camada mediadora da intencionalidade, razão ou lei. Para tanto, este é o momento de análise, momento da ação e da reação que se tem sobre algo, o objeto de análise.

Por fim, a autora traz a “Terceiridade”, que aproxima um primeiro e um segundo numa síntese intelectual; corresponde à camada de inteligibilidade, ou pensamento em signos, através da qual representamos e interpretamos o mundo. Nesta categoria, então, é o momento de interpretação.

O signo, portanto, é um sinal que se divide em: ícone, índice e símbolo. O primeiro, ícone, é o sentimento, a impressão. O segundo é a busca de pegadas por meio da percepção, e o símbolo que representa a lei interpretativa.

Aldeneide Araújo Nascimento